

Carla Hilst
Leonardo Boiko

A historiografia de Schools of Linguistics

São Paulo

2011

Carla Hilst
Leonardo Boiko

A historiografia de Schools of Linguistics

Trabalho de Historiografia Lingüística

Professora: Cristina Altman

Universidade de São Paulo

São Paulo

2011

Introdução

Este trabalho se propõe a analisar a obra de Geoffrey Sampson, *Schools of Linguistics*¹, de um ponto de vista informado por discussões recentes de historiografia da ciência e da lingüística.

Definições e horizontes

Sampson define a lingüística informalmente como “o estudo científico da língua”, e não faz distinção entre o campo de estudo em geral e a disciplina autônoma institucionalizada. Sua definição de ciência válida não é explicitada, mas é usada como critério evaluativo. Embora seja um reconhecido orientalista e especialista em língua chinesa, Sampson limita o desenvolvimento da lingüística ao “mundo ocidental” (p. 9)², e foca o livro principalmente no século XX, discutindo ainda o XIX como “prelúdio” (p. 13).

O principal critério de Sampson para identificar o que chama de “escolas” ou “tradições” é *geográfico*; ele explica a existência de diferentes tradições pela separação espacial, e ainda atribui a ela a falta de contato entre os grupos (p. 9). De fato o livro não se propõe como historiografia e sim como uma descrição sincrônica das “escolas” atuais (ou seja, em 1980), embora cada escola seja descrita através de uma narrativa claramente historiográfica. As narrativas tendem a se concentrar em fatores internos, sem dar muita atenção às condições externas da formação dos grupos³.

Da orientação geral ao presente advém também o horizonte de retrospectiva—“Se quisermos uma linha de demarcação que divida a corrente da investigação lingüística em ‘história’ e ‘assuntos atuais’, o começo de nosso século servirá muito bem⁴” (p. 13). O XIX do método comparativo aparece como pano-de-fundo necessário, mas fora do plano do livro; “Na virada do século [XIX para XX], parecia claro que, se existia um método científico para o estudo da língua, ele não era a abordagem histórica” (p. 33).

Sampson trata das seguintes “escolas”, dedicando a cada uma um capítulo:

- Prelúdio: o século dezenove
- Saussure
- Os Descritivistas

¹Sampson(1).

²Por brevidade, não faremos recurso a *ibids* ao citar a obra em análise.

³Tal como descrito e.g. por Murray(2).

⁴Traduções nossas.

- Lingüística funcional: a Escola de Praga
- Noam Chomsky e a gramática gerativa
- Gramática relacional: Hjelmslev, Lamb, Reich
- A Escola de Londres

Sampson cita ainda escolas que chama “lingüística geográfica”, associando-a à França, e “neolingüística”, à Itália (p. 10). Vemos novamente a importância do critério geográfico; no texto, descritivistas e gerativistas são associados aos EUA, e a escola de Saussure à França. A exceção são os “gramáticos relacionais”, já que Hjelmslev é apresentado como dinamarquês (p. 167), enquanto Lamb e Reich são americanos. A Escola de Londres reúne principalmente os nomes de J.R. Firth e Malinowski, e em sua descrição Sampson se permite extrapolar o horizonte retrospectivo, afirmando que a Inglaterra é um país com uma história “incomumente longa” de “lingüística prática” (p. 212).

Modelo historiográfico e retórica

Ao enxergar diversas escolas coexistindo no mesmo período em grupos relativamente isolados, Sampson pressupõe um modelo à primeira vista similar à “pluralidade de tradições” descrita por Hymes como característica da lingüística⁵. Porém, uma análise mais cuidadosa revela que a semelhança é superficial.

Sampson afirma que se absteve de descrever as escolas geográfica e neolingüística por falta de conhecimento, implicando portanto conhecimento suficiente para descrever as demais. Mais do que isso: O autor se coloca mesmo como autoridade prescritiva, não só comparando uma escola com a outra mas proferindo inclusive julgamentos de valor sobre o que considera “erros fundamentais” em determinadas abordagens, sobretudo a chomskiana—há um capítulo inteiro que, ao invés de descrever uma escola, desenvolve uma crítica particular à fonologia gerativista, e esses capítulos são de longe os de retórica mais carregada. A palavra “revolução”, quando se refere à escola de Chomsky, é sempre guarnecida com aspas (p. 130, 146 etc); sua figura chega a ser comparada à influência “ritual” de Stalin sobre a imprensa soviética (p. 130); Sampson diz que os gerativistas equiparam teoria à notação, o que afirma trazer “conseqüências infelizes” (*ill effects*) ao seu trabalho; e o princípio da primazia da introspecção sobre os dados ele acusa abertamente de “erro de método”, “tão ruim quanto o ‘mau behaviorismo’⁶” (p. 154–). O autor conclui:

⁵Hymes(3), p.363.

⁶Sampson sente-se à vontade para descrever os behavioristas como “bons” e “maus”, de acordo com seus critérios sobre o que constitui investigação científica válida; viz., que ela deveria levar em conta tanto introspecção quanto dados, em igual medida.

Quando o critério da correspondência à observação é sistematicamente eliminado da escolha entre teorias, é inevitável que ele seja substituído pelo critério do carisma de cada teórico—que ele seja substituído, de fato, por uma recriação do sistema medieval de argumentos por autoridade. (p. 155)

Como Sampson pressupõe um critério universal de correção, de “ciência válida”, ele não aceita completamente a proposta de Kuhn sobre a incomensurabilidade dos paradigmas⁷, embora faça concessão parcial ao fato que escolas diferentes podem tratar de problemas diferentes que não são comparáveis entre si (p. 9). Sampson chega aliás a citar o modelo das revoluções científicas de Kuhn, associando-o aos lingüistas racionalistas que seguem Chomsky, e acusando-os de “abandonar o princípio de que a ciência é cumulativa” (p. 159).

Embora proponha a coexistência de diversas escolas geograficamente delimitadas, Sampson também mostra consciência que algumas terão mais momento do que outras. Como sua noção de ciência envolve validade universal, este fato pode ser negativo; “Dado o que eu disse até agora sobre a escola chomskiana, o leitor pode ficar surpreso em saber que ela conquistou tamanha primazia” (p. 158). Este fato é justificado pela vantagem ilegítima que o racionalismo leva em debates, já que, de forma grosseira, pode se dar ao luxo de ignorar fatos e de se auto-declarar como correto (p. 158).

Acreditamos que a visão de Sampson se aproxima do que Hymes chamou de modelo do “Espírito hegeliano do Progresso” ou “brincadeira de Rei da Montanha”, no qual a tocha do avanço científico está a cada momento com um grupo mas não outros⁸. Sampson nega-a aos gerativistas, e não tem receios de selecionar quem a merece dentre as demais escolas; o funcionalismo (categoria na qual inclui Labov) está “provavelmente destinado a ser uma das mais frutíferas abordagens” (p. 129), enquanto que da gramática relacional “devemos tirar a lição” que “qualquer tentativa de ignorar o meio da fala e analisar a natureza da língua à luz exclusiva da lógica pura está destinada a ser estéril” (p. 186).

Fatores externos

A análise desta seção é tentativa, mas é plausível pensar em fatores não-racionais reforçando a animosidade de Sampson pela lingüística chomskiana, bem como algumas de suas outras posturas como historiógrafo. Politicamente, Sampson é militantemente conservador, tendo sido inclusive eleito pelo Conservative Party do Reino Unido; ele defende, entre outras posições, a superioridade do cristianismo como fator civilizador⁹, e que preferências raciais seriam inatas e inevitáveis¹⁰. É possível

⁷Kuhn(4), p.112.

⁸Hymes(3), p.357.

⁹Sampson(5).

¹⁰Sampson(6).

que sua postura quanto à Chomsky, notório intelectual de esquerda, seja parcialmente influenciada pela divergência política; e de fato Sampson já acusou em outros trabalhos o gerativismo, junto com o nativismo de Pinker, de sustentar uma ideologia que chama de “novo imperialismo dos direitos universais”¹¹. Acreditamos que alguns elementos dessas posturas se refletem no texto do *Schools of Linguistics*.

Por exemplo, em comentário de passagem em nota de rodapé, Sampson reclama que os padrões da divisão de trabalho entre os sexos esteja sendo “transformado do dia para a noite por reformistas que, bem ou mal, não dão nenhum peso à tradição” (p. 255). Sampson em geral configura todo o tipo de “revolução” como dúbia, e encaixa nesta categoria a tomada do *mainstream* pelo gerativismo¹². Em outra nota, a popularidade de Chomsky na Inglaterra dos anos 60 é atribuída ao que considera uma “súbita e excessiva” expansão do ensino superior britânico (p. 258). Sampson também faz referência em nota ao “absolutismo” do qual acusa igualmente Chomsky lingüista e Chomsky ativista (p. 252). Discutindo o gerativismo, além de Stalin, Sampson emprega como metáfora a Cortina de Ferro (p. 158); e, após defender a superioridade da “reforma constitucional legal” sobre as revoluções, Sampson afirma que o racionalista “vê-se obrigado a preferir a revolução, na ciência e na política”, já que ele confia na sua intuição mais do que no experimento (ao qual associa a política “dentro de uma constituição liberal”).

Como vimos, a Escola de Londres recebe no livro tratamento particular, pois só nela o horizonte de retrospectiva volta até a Idade Média e antes; isso é consistente com o valor positivo que o autor atribui à tradição, e à Inglaterra. Por exemplo, para Sampson, “o estudo de fonética no sentido moderno foi desenvolvido por Henry Sweet (1845–1912)” (p. 212), que associa a este contexto inglês. Sampson propõe como marco fundador da lingüística britânica a criação da Escola de Estudos Africanos e Orientais (SOAS), que ele próprio afirma ter sido criada para estudar as línguas e culturas coloniais do Império Britânico; tal fato teria concedido aos britânicos (em contraste aos gerativistas) uma “saudável familiaridade com as realidades de línguas exóticas e alienígenas” (p. 214).

Por fim, pensamos ser possível que a organização que Sampson faz das escolas lingüísticas, que chamamos acima “geográfica”, seja talvez essencialmente “nacionalista”, por influência de uma visão-de-mundo na qual cada país, e também “raça”, existiria de forma isolada e independente do resto da humanidade.

¹¹Sampson(7).

¹²Uma exceção são as propostas de reforma ortográfica de Firth e outros britânicos, que Sampson defende como motivos válidos para quebra com a tradição.

Referências Bibliográficas

- 1 SAMPSON, G. *Schools of Linguistics*. Stanford, California: Stanford University Press, 1980. ISBN 0804711259.
- 2 MURRAY, S. Theory groups in science. In: _____. *Theory groups and the study of language in North America: a social history*. Amsterdam: J. Benjamins, 1994. (Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science: Studies in the history of the language sciences), p. 1–26. ISBN 9789027245564.
- 3 HYMES, D. Traditions and paradigms. In: _____. *Essays in the history of linguistic anthropology*. Amsterdam: J. Benjamins, 1983. (Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science: Studies in the history of linguistics), p. 345–406. ISBN 9789027245076.
- 4 KUHN, T. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1996. ISBN 9780226458083.
- 5 SAMPSON, G. *Why I am a Christian*. Disponível em: <<http://www.grsampson.net/CXtn.html>>.
- 6 SAMPSON, G. *How the British Government classed me as a dissident*. Disponível em: <<http://www.grsampson.net/CDissident.html>>.
- 7 SAMPSON, G. *Minds in Uniform*. Disponível em: <<http://www.grsampson.net/CDissident.html>>.